1901

ANDREW LANG

A Princesa que queria ser príncipe



TRADUÇÃO DE CAMILA FERNANDES

CSRL

VISIT…

LANZAROTE Caliente.com

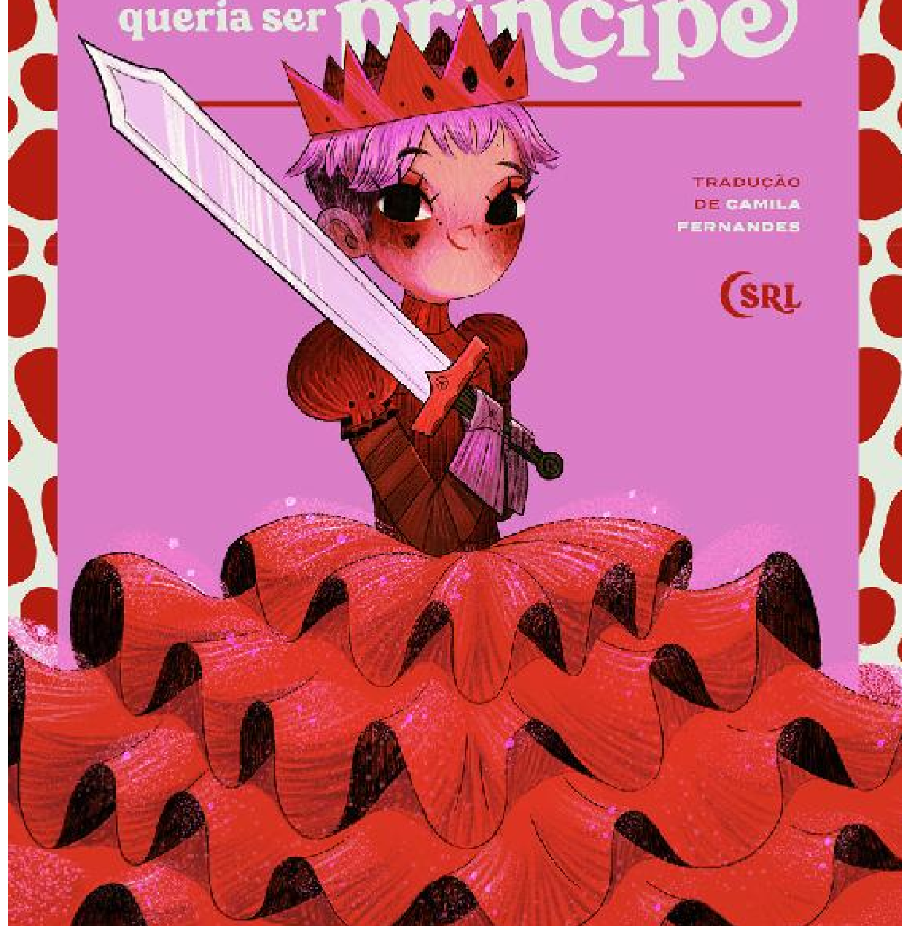
1901 ANDREW LANG

A Princesa que queria ser príncipe



TRADUÇÃO DE CAMILA FERNANDES

CSRL



1901 ANDREW LANG
A Princesa que queria ser príncipe
TRADUÇÃO DE CAMILA FERNANDES
SRL

Sociedade das Relíquias Literárias

Tradução:
Camila Fernandes

Preparação:
Verena Cavalcante

Revisão:
Lorena Camilo

Capa e projeto gráfico:
Marina Avila

Ilustração de capa:
Brenda Bossato

2024 ISBN

Copyright 2024 Editora Wish. **Este material possui direitos de tradução e publicação** e, ao não divulgá-lo sem prévia autorização da editora, você está nos ajudando a continuar publicando raridades para os leitores. Agradecemos por isso.



UMA RELÍQUIA DE

1901

Sinopse

Quando a princesa, de repente, sentiu que era realmente o homem que fingira ser, ficou tão feliz que, se ao menos o eremita estivesse ao seu alcance, agradeceria a ele de todo o coração.

Um monarca derrotado precisa entregar um filho ao imperador. Entretanto, tendo apenas três filhas, a esperança de paz parece distante. Até que uma de suas

filhas se voluntaria para servir como um rapaz. Sua jornada trará uma revelação ainda mais mágica do que as criaturas que cruzarão seu caminho.

Publicado e editado por Andrew Lang em 1901, *A princesa que queria ser príncipe* é um conto de fadas à frente de seu tempo, que chega com exclusividade à Sociedade das Relíquias Literárias.

Participe do Grupo

O grupo no Telegram é cheio de novidades e artes dos contos!

Papeie sobre este conto no:

t.me/sociedadewish

ou pesquise no app por

sociedadewish

1901 ANDREW LANG

A Princesa que queria ser príncipe

Era uma vez um imperador que tinha como objetivo conquistar e reinar sobre mais países do que qualquer outra pessoa no mundo. Sempre que subjugava um novo reino, só concedia a paz com a condição de que o rei derrotado lhe entregasse um filho para servi-lo por dez anos.

Ora, eis que nas fronteiras do território do imperador havia um país cujo governante era tão valente quanto o vizinho e que, na juventude, saíra vitorioso de todas as guerras. No entanto, com o passar dos anos, o governante se cansou de fazer planos de campanha, e seu povo desejava ficar em casa e lavrar os campos; por fim, o imperador sentiu que devia prestar homenagem ao outro monarca.

Uma questão, porém, o impedia de dar esse passo que via, cada vez com mais clareza, ser o único possível: o novo soberano exigiria o serviço de um dos filhos dele; porém, o velho imperador não tinha nenhum filho, apenas três filhas.

Não importava para onde olhasse, não parecia haver nada além da ruína adiante. Ficou tão tristonho que as filhas dele, amedrontadas, fizeram tudo que conseguiram pensar para animá-lo, mas foi em vão.

Por fim, um dia, durante o jantar, a mais velha das três reuniu toda a coragem que tinha e disse ao pai:

— Que angústia secreta incomoda o senhor? Seus súditos estão descontentes? Ou vos demos algum motivo de desagrado? Para amenizar suas preocupações, derramaríamos de bom grado nosso sangue, pois nossas vidas estão atadas à sua, como bem sabes.

— Minha filha – respondeu o imperador –, o que diz é verdade. Vocês nunca me causaram nenhum desgosto. Agora, no entanto, não podem me ajudar. Ah! Quem dera uma de vocês fosse um rapaz!

— Não entendi – respondeu ela, surpresa. – Diga o que há de errado; apesar de não sermos rapazes, não somos completamente inúteis!

— Mas o que podem fazer, minhas filhas queridas? Fiar, tecer e costurar; foi isso que aprenderam, e só. Apenas um guerreiro pode me salvar, um jovem gigante que seja forte para empunhar o machado de batalha e cuja espada desfira golpes mortais.

— Mas *por que* precisa tanto de um filho neste momento? Conte tudo! Explicar não vai piorar a situação.

— Então escutem, minhas filhas, e conheçam a razão do meu sofrer. Ouviram dizer que, na juventude, nenhum homem jamais mandou um exército contra mim sem pagar caro por isso, mas os anos esfriaram meu sangue e esgotaram minha força. Agora, o cervo pode vagar tranquilo pela floresta, pois minhas flechas nunca vão lhe perfurar o coração; os soldados estrangeiros podem atear fogo às minhas casas e servir a seus cavalos a água dos meus poços, e meu braço não será capaz de detê-los. Não, meu tempo passou e chegou a hora em que também devo baixar a cabeça ao jugo do meu inimigo! Mas quem será capaz de servi-lo por dez anos como parte do preço que os derrotados devem pagar?

— Eu farei isso! — gritou a princesa mais velha, levantando-se.

Mas o pai se limitou a balançar a cabeça, entristecido.

— Nunca hei de envergonhá-lo – insistiu ela. – Deixe-me ir. Não sou princesa e filha de imperador?

— Então vá! – disse ele.

O coração da jovem valente quase parou de bater de tanta alegria enquanto começava os preparativos. Não ficou parada nem por um instante, dançando pela casa, virando baús e armários de cabeça para baixo. Separou itens suficientes para um ano inteiro: trajes bordados a ouro e pedras preciosas, além de grande quantidade de provisões. Escolheu o cavalo mais vigoroso do estábulo, com olhos de fogo e pelagem de prata lustrosa.

Quando o pai a viu a cavalo, dando voltas pelo pátio, deu-lhe muitos conselhos sábios sobre se portar como o rapaz que aparentava ser e também como a garota que na verdade era. Por fim, deu-lhe a bênção e ela esporeou o cavalo.

Ao partir, a prata na armadura e no corcel dela deslumbrou todas as pessoas ao redor. Logo sumiu de vista e, se depois de alguns quilômetros não tivesse parado para deixar que a escolta a alcançasse, faria o resto da viagem sozinha.

Contudo, embora nenhuma das três filhas estivesse ciente do fato, o velho imperador era um mago e concebera alguns planos para a ocasião. Conseguiu, sem que ninguém o visse, ultrapassar a filha e erguer uma ponte de cobre por cima de um riacho que ela deveria atravessar. Depois, transformando-se num lobo, deitou-se debaixo de um dos arcos da ponte e esperou.

Escolhera bem o momento; mais ou menos meia hora depois, ouviu-se o som dos cascos de um cavalo. Os passos estavam quase na ponte quando um grande lobo cinzento surgiu diante da princesa com os dentes arreganhados. Com um rosnado grave de gelar o sangue, ele se levantou e se preparou para atacar.

O aparecimento da fera foi tão repentino e inesperado que a garota quase ficou paralisada; nem tinha sonhado em fugir até que o cavalo deu um salto violento para o lado. Ela então o fez se virar e, instigando-o à velocidade máxima, não puxou as rédeas até ver os portões do palácio diante dela.

O velho imperador, que voltara havia muito tempo, foi até a porta para recebê-la e, tocando a armadura brilhante, disse:

— Eu não disse, minha filha, que moscas não produzem mel?

Os dias se passaram e, certa manhã, a segunda princesa implorou ao pai permissão para empreender a aventura em que a irmã havia fracassado. Ele ouviu o pedido de má vontade, com a certeza de que não adiantaria, mas a moça implorou tanto que, no fim, ele consentiu.

Escolhendo as armas, ela partiu a cavalo. Mas apesar de, ao contrário da irmã, estar mais bem preparada para o aparecimento do lobo na ponte de cobre, não demonstrou maior coragem que a outra e voltou para casa tão depressa quanto o cavalo pôde levá-la. Na entrada do castelo, o pai a esperava. Ainda tremendo de medo, ela se ajoelhou aos pés dele, que disse com doçura:

— Eu não disse, minha filha, que nem todo pássaro pode ser apanhado com uma rede?

Por um tempo, as três garotas ficaram quietas no palácio, bordando, fiando, tecendo e cuidando dos pássaros e das flores, até que, certa manhã, a caçula entrou nos aposentos particulares do imperador.

— Meu pai, agora é minha vez. Talvez eu leve a melhor sobre aquele lobo!

— Ora, você acha que é mais valente do que suas irmãs, menina vaidosa? Você, que mal saiu das fraldas?

Mas ela não se importou em ser motivo de riso, respondendo:

— Pelo seu bem, pai, eu cortaria o próprio diabo em pedacinhos ou até me tornaria o diabo em pessoa. Creio que vou conseguir, mas, se fracassar, voltarei para casa sem mais vergonha do que minhas irmãs.

O imperador ainda hesitou, mas a garota insistiu com carinho até ele por fim dizer:

— Está bem, está bem; se precisa ir, vá. Resta saber o que ganharei com isso, a não ser, talvez, umas boas risadas quando a vir voltar de cabeça baixa e olhar abatido.

— Quem ri por último ri melhor – respondeu a princesa.

Feliz por ter conseguido o que queria, ela decidiu que precisava encontrar algum velho boiardo[1] de cabelos brancos que pudesse dar-lhe bons conselhos; além disso, tomaria muito cuidado ao escolher um cavalo. Assim, foi diretamente ao estábulo onde os cavalos mais bonitos do império se alimentavam nas baias, mas nenhum deles parecia ser o que procurava. Quase em desespero, chegou à última baia, ocupada pelo antigo cavalo de guerra do pai, tão velho e cansado quanto ele, melancólico e estirado na palha.

Os olhos da garota se encheram de lágrimas e ela ficou ali, olhando para ele. O cavalo ergueu a cabeça, deu um relincho baixo e sussurrou:

— Você parece bondosa e compadecida, mas sei que é o amor por seu pai que provoca sua ternura por mim. Ah, que guerreiro ele foi e que bons momentos vivemos juntos! Mas agora também envelheci, o mestre se esqueceu de mim e não há razão para se importar se meu pelo está opaco ou lustroso. No entanto, não é tarde demais; se eu fosse bem cuidado, dentro de uma semana rivalizaria com qualquer cavalo deste estábulo!

— E de que cuidados precisa? – perguntou a garota.

— Preciso que me escovem de manhã e à noite com água da chuva, que me alimentem com cevada fervida em leite, por causa dos meus dentes fracos, e que lavem minhas patas com óleo.

— Eu gostaria de fazer isso, pois pode me ajudar a executar meu plano.

— Então faça, mestra, e prometo que não se arrependerá.

Assim, uma semana depois, o cavalo acordou numa manhã com um arrepio repentino em todos os membros. Passado o arrepio, ele encontrou sua pelagem reluzente como um espelho, o corpo gordo como uma melancia, e o caminhar leve como o da camurça.

Então, olhando para a princesa, que havia chegado cedo ao estábulo, ele disse, alegre:

— Que o sucesso aguarde a filha de meu mestre, pois ela me devolveu a vida. Diga o que posso fazer por você e eu farei.

— Quero ir falar com o imperador, que é nosso soberano, mas não tenho ninguém para me aconselhar. De todos os boiardos de cabelos brancos, quem devo escolher como conselheiro?

— Comigo, não precisa de mais ninguém. Vou servi-la como servi seu pai, se ouvir o que eu digo.

— Ouvirei tudo o que disser. Pode começar daqui a três dias?

— Agora mesmo, se você quiser – respondeu o cavalo.

Os preparativos da filha caçula foram muito menores e mais simples do que os das irmãs. Consistiram apenas em alguns trajes masculinos, umas poucas roupas de cama e comida, além de algum dinheiro em caso de necessidade. Ela se despediu do pai e partiu.

A um dia de viagem do palácio, chegou à ponte de cobre. Mas, antes mesmo de vê-la, o cavalo, que era mágico, a avisou dos meios que o pai usaria para testar a coragem dela.

Apesar do aviso, ela tremeu da cabeça aos pés quando um lobo enorme, magro como se tivesse jejuado por um mês, com garras que pareciam serras e a boca larga como um forno, pulou na direção dela, rosnando. Por um momento, o coração dela parou de bater, mas no instante seguinte, tocando o cavalo de leve com as esporas, desembainhou a espada, pronta para decepar a cabeça do lobo com um só golpe.

A fera viu a espada e recuou, o que foi a melhor atitude possível, já que agora o sangue da garota fervia e a luz da batalha ardia nos olhos dela. Sem olhar em volta, ela atravessou a ponte.

O imperador, orgulhoso dessa primeira vitória, tomou um atalho e esperou por ela ao fim de mais um dia de viagem, perto de um rio, sobre o qual ergueu uma ponte de prata. Dessa vez, tomou a forma de um leão.

O cavalo, porém, adivinhou o novo perigo e contou à princesa como escapar dele. No entanto, uma coisa é ouvir um conselho quando estamos em segurança e outra coisa é conseguir segui-lo quando um perigo pavoroso nos ameaça. Se o lobo havia feito a garota tremer de medo, agora ela parecia um cordeiro comparado ao terrível leão.

Ao som do rugido da fera, as próprias árvores estremeceram; as garras dela eram tão grandes que cada uma parecia um sabre.

O fôlego da princesa ia e vinha, os pés tremiam nos estribos. De repente, ocorreu-lhe a lembrança do lobo que havia afugentado e, brandindo a espada, ela investiu com tanta violência contra o leão que ele mal teve tempo de pular para o lado, evitando o golpe. Então, como um raio, ela atravessou mais uma ponte.

Ora, durante a vida inteira a princesa fora criada com tanto cuidado que nunca tinha deixado os jardins do palácio; assim, a visão das montanhas, vales e riachos murmurantes, o canto das cotovias e

dos melros, deixaram-na quase aturdida de admiração e prazer. Quis apear do cavalo, lavar o rosto nas lagoas cristalinas e colher as flores vívidas, mas ele recomendou que ela apertasse o passo, não se virando para a direita nem para a esquerda.

— O guerreiro só descansa depois da vitória – disse a ela. – Você ainda tem mais uma batalha a travar, e será a mais difícil de todas.

Dessa vez, não era lobo nem leão o que a esperava ao fim do terceiro dia de viagem, mas um dragão de doze cabeças, vigiando uma ponte dourada.

A princesa cavalgou sem encontrar nada que a assustasse quando, de repente, um sopro de fumaça e fogo subiu por baixo de seus pés, fazendo-a olhar para baixo. Lá estava a criatura horrível, contorcida e retorcendo-se, levantando as doze cabeças como se para envolvê-la.

A rédea caiu da mão dela, e a espada que acabara de agarrar deslizou de volta para a bainha, mas o cavalo ordenou que nada temesse. Assim, com um grande esforço, ela se manteve na sela e investiu contra o dragão.

A batalha durou uma hora e o dragão a atacou com todas as forças. Contudo, no fim, com um golpe lateral bem dirigido, ela cortou uma das cabeças e, com um rugido que pareceu rasgar o céu em dois, a fera caiu no chão, levantando-se diante dela na forma de um homem.

Embora o cavalo tivesse informado à princesa que o dragão era na verdade o pai dela, a garota mal conseguira acreditar; e, agora, olhava com espanto para a transformação. Mas o imperador a tomou nos braços e a apertou junto do coração, dizendo:

— Agora vejo que você é tão valente quanto os mais valentes, e tão sábia quanto os mais sábios. Escolheu o cavalo certo, pois sem a ajuda dele voltaria de cabeça baixa e olhar abatido. Você me deu a esperança de que pode cumprir a tarefa que assumiu, mas trate de não

esquecer nenhum dos meus conselhos e, acima de tudo, ouça os do seu cavalo.

Quando o pai terminou de falar, a filha se ajoelhou para receber a bênção dele. E assim, cada um seguiu seu caminho.

A princesa foi sempre em frente até, por fim, chegar às montanhas que sustentam o teto do mundo. Lá, encontrou dois gênios que lutavam ferozmente havia dois anos, sem que um levasse a menor vantagem sobre o outro. Vendo o que imaginaram ser um rapaz em busca de aventuras, um dos combatentes gritou:

— Fát-Frumos![2] Livre-me do meu inimigo e darei a você uma corneta que se pode ouvir à distância de uma viagem de três dias.

Ao passo que o outro gênio gritou:

— Fát-Frumos! Ajude-me a derrotar esse ladrão pagão e ganhará o meu cavalo, Luz do Sol.

Antes de responder, a princesa consultou o seu cavalo mágico sobre qual oferta deveria aceitar, e ele a aconselhou a tomar o partido do gênio que era o mestre de Luz do Sol, seu irmão mais novo e ainda mais forte do que ele.

Assim, a moça atacou o outro gênio e logo partiu-lhe o crânio. O vitorioso pediu que fosse com ele para casa, onde lhe entregaria Luz do Sol, como havia prometido.

A mãe do gênio se alegrou ao ver o filho chegar são e salvo. Preparou o melhor quarto da casa para a princesa, que, depois de tanta luta, precisava muito descansar. Mas a garota declarou que, primeiro, acomodaria seu cavalo no estábulo; porém era apenas uma desculpa, pois queria pedir a ele alguns conselhos sobre várias questões.

Todavia, a velha desconfiou desde o começo que o rapaz que socorrera o filho era uma garota disfarçada. Por isso, disse ao gênio

que aquela era exatamente a esposa de que ele precisava. O rapaz achou graça e perguntou que mão feminina conseguiria empunhar um sabre como aquele. No entanto, apesar da zombaria dele, a mãe insistiu e, como prova do que dizia, colocou nos travesseiros deles um punhado de flores mágicas que murchavam ao toque de um homem, mas permaneciam sempre frescas junto aos dedos de uma mulher.

Foi muita esperteza da parte dela; porém, para seu azar, o cavalo avisara à princesa quanto ao que esperar e, quando a casa ficou em silêncio, ela entrou com cuidado no quarto do gênio e trocou as flores dele, que já estavam murchas, pelas suas. Depois, voltou para a cama e dormiu um sono profundo.

Ao raiar do dia, a velha correu para ver o filho e encontrou, como sabia que encontraria, um punhado de flores mortas na mão dele. Em seguida, foi até a cabeceira da princesa, que ainda dormia agarrada às flores murchas. Mas nem isso a fez acreditar que a hóspede era um homem, e foi o que disse ao filho. Dessa forma, os dois tramaram juntos outra armadilha para ela.

Depois do desjejum, o gênio ofereceu o braço à hóspede e pediu que o acompanhasse até o jardim. Passaram algum tempo caminhando por ali olhando as flores enquanto o gênio insistia para que ela colhesse a que quisesse. A princesa, desconfiando da armadilha, perguntou rispidamente por que estavam perdendo um tempo precioso no jardim quando, sendo homens, deveriam estar no estábulo cuidando dos cavalos. O gênio então disse à mãe que ela estava completamente enganada e que seu salvador era, sem dúvida, um homem.

Contudo, nada disso convenceu a velha. Disse que faria mais uma tentativa, mandando o filho levar a visitante para o arsenal da casa, onde havia todo tipo de arma usada no mundo – algumas simples e modestas, outras enfeitadas com pedras preciosas – e pedir que escolhesse uma delas.

A princesa olhou com atenção para as armas, tateando o fio e a ponta das lâminas; então, pendurou no cinto uma espada velha de lâmina curva que teria feito jus a um guerreiro antigo. Depois, informou ao gênio que partiria cedo no dia seguinte e levaria Luz do Sol.

A mãe não pôde fazer nada além de aceitar isso, embora ainda sustentasse a opinião anterior.

A princesa cavalgou Luz do Sol, esporeando-o de leve, quando o velho cavalo, que galopava ao lado dela, disse de repente:

— Até agora, mestra, você seguiu meus conselhos e tudo correu bem. Ouça-me mais uma vez e faça o que digo. Estou velho e, agora que há alguém para ocupar meu lugar, admito que, infelizmente, minha força não está à altura da tarefa que me aguarda. Dê-me licença, portanto, para voltar para casa, e continue a jornada aos cuidados do meu irmão. Deposite sua fé nele como a depositou em mim e não se arrependerá. A sabedoria chegou cedo a Luz do Sol.

— Sim, meu velho camarada, você me serviu bem; só com sua ajuda é que fui vitoriosa até agora. Por maior que seja minha tristeza ao me despedir, vou obedecê-lo uma vez mais e dar ouvidos ao seu irmão tal como a você. Só preciso de uma prova de que ele me ama tanto quanto vós.

— Como poderia não a amar? – respondeu Luz do Sol. – Como poderia não me orgulhar de servir a semelhante guerreira? Confie em mim, mestra, e nunca lamentará a ausência do meu irmão. Sei que haverá dificuldades no nosso caminho, mas vamos enfrentá-las lado a lado.

Assim, com lágrimas nos olhos, a princesa se despediu do velho cavalo, que galopou de volta para o palácio imperial.

Ela havia percorrido apenas alguns quilômetros quando viu um cacho de cabelos dourados na estrada adiante. Parando o cavalo,

perguntou se era melhor pegá-lo ou deixá-lo onde estava.

— Se você o pegar – respondeu Luz do Sol –, vai se arrepender. Se não pegar, também se arrependerá. Sendo assim, pegue.

Com isso, a garota desmontou e, recolhendo o cacho, enrolou-o em volta do pescoço para mantê-lo em segurança.

Passaram por colinas e montanhas, cruzando vales e deixando para trás florestas densas e campos cobertos de flores; por fim, chegaram à corte do imperador soberano.

Ele estava sentado no trono, cercado pelos filhos dos outros monarcas, que o serviam como pajens. Esses jovens se adiantaram para saudar o novo companheiro, tentando imaginar por que se sentiam tão atraídos por ele.

No entanto, não houve tempo para conversar e esconder o medo. A princesa foi logo conduzida até o trono e explicou, em voz baixa, o motivo de sua vinda. O imperador deu-lhe as boas-vindas, declarou que tinha sorte por encontrar um vassalo tão valente e encantador, e pediu que ela o servisse pessoalmente.

Ela, contudo, comportou-se com muita cautela em relação aos outros pajens, cujo modo de viver não a agradava. No entanto, num dia em que se divertira fazendo guloseimas, dois daqueles jovens príncipes apareceram para visitá-la. Ela ofereceu um pouco da comida que já estava na mesa e eles a acharam tão deliciosa que até lamberam os dedos para não perderem nem uma migalha. É claro que não guardaram segredo sobre aquela descoberta, contando a todos os companheiros que tinham acabado de desfrutar da melhor ceia que tiveram desde o dia em que nasceram. A partir desse momento, a princesa só teve paz depois de prometer que prepararia um jantar para todos.

Ora, acontece que, na data marcada, todos os cozinheiros do palácio ficaram embriagados e não restou ninguém para alimentar o

fogo. Quando os pajens souberam dessa situação alarmante foram falar com a companheira, implorando socorro.

A princesa gostava de cozinhar e, além disso, tinha ótima índole; então, vestiu um avental e foi para a cozinha sem demora. Quando o jantar foi servido diante do imperador, ele o achou tão bom que comeu muito mais do que lhe convinha. Na manhã seguinte, assim que acordou, mandou chamar o cozinheiro-chefe e pediu que fizesse os mesmos pratos de antes. O cozinheiro, apavorado com essa ordem, que sabia não ser capaz de cumprir, caiu de joelhos e confessou a verdade.

O imperador ficou tão surpreso que se esqueceu de repreendê-lo. Enquanto pensava no assunto, chegaram alguns pajens, dizendo que o novo companheiro andava se gabando de saber onde estava Ileana – a célebre Ileana da canção que começa assim:

"Cabelos dourados

Os campos são verdes"

E afirmaram ter certeza de que ele tinha consigo um cacho do cabelo dela.

Ao ouvir isso, o imperador mandou trazer o pajem à sua presença. Assim que a princesa obedeceu à convocação, ele disse rispidamente:

— Fát-Frumos, você me escondeu o fato de saber onde está Ileana, a dos cabelos dourados! Por que fez isso? Pois eu o tratei com mais bondade do que a todos os meus pajens.

Depois de fazer a princesa mostrar-lhe o cacho dourado que usava em volta do pescoço, ele acrescentou:

— Ouça o que eu digo: a menos que de um jeito ou de outro você me traga a dona desse cacho, mandarei cortar sua cabeça bem aí onde está. Agora, vá!

Em vão, a coitada tentou explicar como havia encontrado aquele cacho de cabelo, mas o imperador não quis ouvir. Curvando-se, ela se retirou e foi perguntar a Luz do Sol o que fazer.

As primeiras palavras dele a animaram:

— Não tenha medo, mestra. Ontem à noite meu irmão me apareceu num sonho e disse que um gênio arrebatou Ileana, cujo cabelo você pegou na estrada. Mas Ileana declara que, antes de se casar com o captor, ele deve levar para ela, como presente, toda a manada de éguas que a ela pertencem. O gênio, meio louco de amor, passa dia e noite só pensando em como cumprir a tarefa; enquanto isso, Ileana está em segurança nos pântanos insulares do mar. Peça ao imperador vinte navios cheios de mercadorias preciosas. O resto, você saberá aos poucos.

Ouvindo esse conselho, a princesa voltou sem demora à presença do imperador.

— Que sua vida seja longa, ó soberano todo-poderoso! – disse ela. – Vim dizer que poderei cumprir sua ordem se me der vinte navios carregados com as mercadorias mais preciosas do seu reino.

— Terá tudo o que eu possuo se me trouxer Ileana, a dos cabelos dourados – respondeu o imperador.

Logo os navios ficaram prontos e a princesa embarcou no maior e mais bonito, com Luz do Sol a seu lado. Desfraldaram-se as velas e a viagem começou.

Durante sete semanas, o vento os soprou diretamente para o oeste e, certa manhã, avistaram os pântanos insulares.

Lançaram a âncora numa pequena baía e a princesa se apressou a desembarcar com Luz do Sol, mas, antes de sair do navio, prendeu ao cinto um par de pequeninas chinelas de ouro, adornadas com pedras preciosas. Em seguida, montando Luz do Sol, cavalgou até chegar a

diversos palácios, construídos em cima de dobradiças para que pudessem se virar sempre para o sol.

O mais esplêndido palácio era vigiado por três servos, cujos olhos gananciosos foram atraídos pelo ouro cintilante das chinelas. Correram até o proprietário de tais tesouros e perguntaram quem era ele.

— Sou um mercador – respondeu a princesa – que, de alguma forma, errou o caminho e se perdeu entre os pântanos insulares.

Sem saber se deviam recebê-lo como hóspede ou não, os servos foram falar com sua mestra e contaram-lhe o que tinham visto, mas não sem antes olhar o mercador do alto do palácio. Por sorte, o carcereiro estava longe dali, sempre tentando capturar todas as éguas, deixando-a sozinha e livre.

Os servos contaram tão bem aquela história que a mestra insistiu em descer à praia para ver as lindas chinelas pessoalmente. Eram ainda mais bonitas do que esperava, e, quando o mercador a convidou para subir a bordo e inspecionar outras que ele achava ainda mais belas, ela ficou curiosa demais para recusar e aceitou o convite.

A bordo do navio, ficou tão ocupada revirando todas as mercadorias preciosas ali armazenadas que nem percebeu quando as velas se abriram, tampouco que velejavam com o vento. Ao dar-se conta disso, o coração dela se alegrou, embora fingisse chorar e lamentar o fato de ser levada como cativa pela segunda vez.

Assim, chegaram às terras do imperador.

Estavam prestes a desembarcar quando a mãe do gênio surgiu à frente. Soubera que Ileana havia fugido da prisão em companhia de um mercador e, como o seu filho estava ausente, decidira ela mesma persegui-la. Caminhando sobre as águas azuis, pulando de onda em onda, um pé alcançando o céu e o outro planando na espuma, ela estava no encalço do navio, bufando fogo e chamas, quando

desembarcaram. Bastou um olhar para Ileana saber quem era aquela velha terrível, o que a fez sussurrar depressa para quem a acompanhava. Sem dizer uma palavra, a princesa colocou Ileana montada na sela de Luz do Sol e, subindo atrás dela, partiram como um raio.

Só quando já se aproximaram da cidade é que a princesa se abaixou e perguntou a Luz do Sol o que fazer.

— Ponha a mão na minha orelha esquerda – disse ele –, pegue a pedra afiada que encontrar e jogue-a para trás.

A princesa fez o que ele dizia e uma enorme montanha apareceu atrás deles. A mãe do gênio começou a escalar a encosta e, embora galopassem depressa, ela ainda era mais veloz.

Ouviram-na chegar cada vez mais depressa e, mais uma vez, a princesa se abaixou para perguntar o que fazer.

— Ponha a mão na minha orelha direita – disse o cavalo – e jogue o pincel que encontrar para trás.

A princesa obedeceu e uma grande floresta brotou atrás deles, com folhas tão espessas que nem mesmo um passarinho conseguiria atravessá-las. Mas a velha se agarrou aos galhos e avançou de um para o outro como um macaco, aproximando-se mais, mais e mais, até as chamas da boca dela chamuscarem os cabelos das fugitivas.

Em desespero, a princesa se abaixou outra vez e perguntou se não havia mais nada a fazer. Luz do Sol disse:

— Rápido, pegue o anel de noivado no dedo de Ileana e jogue-o para trás.

Dessa vez, surgiu uma grande torre de pedra, lisa como marfim e dura como aço, que chegou até o céu. A mãe do gênio soltou um uivo de raiva, sabendo que não poderia escalar nem atravessar a torre. Mas ainda não estava derrotada e, recompondo-se, deu um salto prodigioso

que a levou até o alto da construção, bem no meio do anel de Ileana que lá estava, e o anel a prendeu. Só se viam as garras dela segurando as ameias.

Tudo o que era possível a velha bruxa fez, mas o fogo que vertia de sua boca não alcançou as fugitivas, embora tenha devastado a terra por dezenas de quilômetros em volta da torre, tal como as chamas de um vulcão. Numa última tentativa de se libertar, as mãos dela cederam e, caindo do alto da torre, ela se partiu em pedaços.

Quando a princesa em fuga viu o que havia acontecido, voltou para o local como Luz do Sol a aconselhou a fazer e pôs o dedo no alto da torre, que encolhia pouco a pouco em direção à terra. Num instante, a construção desapareceu como se nunca tivesse existido e, no lugar, ficou o dedo da princesa com um anel em volta.

O imperador recebeu Ileana com todo o respeito que lhe era devido, apaixonando-se por ela à primeira vista.

Mas isso não pareceu agradar a Ileana, que andava triste pelo palácio ou pelos jardins, imaginando como é que, enquanto outras garotas faziam o que queriam, ela estava sempre em poder de alguém que detestava.

Assim, quando o imperador lhe ofereceu o trono ao lado dele, ela respondeu:

— Nobre soberano, não posso pensar em casamento até que minha manada de éguas seja trazida para mim, completa e paramentada.

Ouvindo isso, o imperador voltou a chamar Fát-Frumos e disse:

— Fát-Frumos, traga-me agora mesmo a manada de éguas, completa e paramentada. Do contrário, pagará com a cabeça.

— Poderoso imperador, eu beijo suas mãos! Acabo de voltar após cumprir sua ordem e eis que me manda para outra missão, exigindo

minha cabeça caso eu fracasse, quando sua corte está repleta de jovens valentes, ansiosos por respeito e glória! Dizem que é um homem justo; então por que não confiar essa aventura a um deles? Onde um dos jovens valentes deve procurar essas éguas que precisa trazer?

— Como é que vou saber? Podem estar em qualquer lugar, no céu ou na terra. Entretanto, onde quer que estejam, é *você* quem terá que encontrá-las.

A princesa curvou-se e foi consultar Luz do Sol. Ele a ouviu contar toda a história e respondeu:

— Traga depressa nove peles de búfalo, manche-as bem com piche e cubra minhas costas com elas. Não tenha medo, pois terá sucesso em mais essa missão. No fim, porém, os desejos do imperador serão a ruína dele.

A princesa logo arranjou as peles de búfalo e partiu com Luz do Sol. O caminho foi longo e difícil, mas, por fim, chegaram ao lugar onde as éguas pastavam. Lá estava o gênio que havia arrebatado Ileana, tentando descobrir como capturá-las e acreditando o tempo todo que ela estava em segurança no palácio onde a deixara.

Ao avistá-lo, a princesa se aproximou, contando que Ileana havia escapado e que a mãe dele, na tentativa de recapturá-la, havia morrido de raiva. Com essa notícia, uma fúria irracional tomou conta do gênio, e ele avançou desvairado contra a princesa, que esperava o ataque com a mais absoluta calma. Quando ele atacou, erguendo o sabre no ar, Luz do Sol saltou por cima dele, lançando a espada no chão. Quando a princesa, por sua vez, se preparou para atacar, o cavalo pulou nos joelhos do gênio, fazendo a espada dela cortar a coxa do adversário.

A luta foi tão feroz que a própria terra parecia a ponto de afundar debaixo deles. Por mais de trinta quilômetros, os animais nas florestas

ao redor fugiram para a toca em busca de proteção. Por fim, perdendo as forças, o gênio baixou a espada por um instante. A princesa viu sua oportunidade e, com um único golpe, decepou a cabeça do inimigo. Ainda tremendo depois da longa luta, ela deu as costas e foi até o campo onde a manada se alimentava.

Seguindo o conselho de Luz do Sol, tomou cuidado para não deixar que as éguas a vissem e subiu numa árvore grossa, onde podia ver e ouvir sem ser vista. Então, Luz do Sol relinchou e toda a manada galopou até ele, ansiosa para ver o recém-chegado – menos um cavalo, que não gostava de desconhecidos e achava que estavam muito bem assim. Enquanto Luz do Sol se mantinha firme, muito contente com a atenção que recebia, o equino rabugento de repente investiu contra ele, mordendo-o com tanta violência que, se não fosse pelas nove peles de búfalo, teria sido o fim do sábio cavalo. Terminada a luta, as peles de búfalo ficaram reduzidas a fitas e o outro animal, derrotado, se contorcia de dor na grama.

Agora não restava nada a fazer além de levar toda a manada à corte do imperador. A princesa desceu da árvore e montou em Luz do Sol, com a manada a segui-los mansamente e o cavalo ferido fechando a retaguarda. Chegando ao palácio, ela as conduziu para um pátio e foi informar seu retorno ao imperador.

Na mesma hora, Ileana ouviu a notícia, correu para o pátio e chamou as éguas para si uma por uma, cada qual pelo nome. Assim que a viu, o cavalo ferido sacudiu o corpo e, num instante, os ferimentos se curaram, não restando sequer uma marca na pele lustrosa.

A essa altura, o imperador, ao saber onde Ileana estava, juntou-se a ela no pátio e, a pedido da moça, mandou ordenhar as éguas para que ele e ela se banhassem no leite, o que os tornaria jovens para sempre. Mas os animais não toleraram que ninguém se aproximasse deles. Então, o imperador mandou a princesa executar mais esse

serviço.

Com isso, o coração da garota pesou dentro do peito. As tarefas mais difíceis sempre eram confiadas a ela; nesse ritmo, em menos de dois anos ficaria esgotada e imprestável. Contudo, enquanto tais pensamentos lhe passavam pela cabeça, começou a chuva mais medonha que já se viu, inundando o pátio e deixando as éguas com água até os joelhos. De repente, parou, e eis que a água virou gelo, prendendo os animais bem onde estavam. O coração da princesa voltou a ficar leve, e ela sentou-se para ordenhar as éguas, alegre, como se tivesse feito isso a vida inteira.

O amor do imperador por Ileana aumentava cada dia mais, mas ela não dava atenção a ele e sempre tinha um pretexto para adiar o casamento. Por fim, após dar cabo de todas as desculpas em que conseguiu pensar, um dia ela disse:

— Conceda-me apenas mais um pedido e depois hei de me casar com o senhor, pois esperou com paciência por todo esse tempo.

— Minha linda pombinha – respondeu o imperador –, tanto eu como tudo o que tenho somos seus. Peça o que quiser e receberá.

— Traga-me então um frasco de água benta que está guardado numa igrejinha além do Rio Jordão e serei sua esposa.

O imperador mandou Fát-Frumos partir sem demora para o Rio Jordão e trazer, a qualquer custo, a água benta para Ileana.

— Mestra – disse Luz do Sol enquanto a princesa lhe punha a sela –, essa é a última e a mais difícil das suas tarefas. Contudo, não temas, pois é chegada a hora do imperador.

Partiram, e o cavalo, que não era mágico à toa, disse à princesa exatamente onde procurar a água benta:

— Fica no altar de uma igrejinha e é vigiada por uma tropa de freiras. Eles nunca dormem, seja noite ou dia, mas de vez em quando

um eremita vai visitá-las e contar certas coisas de que necessitam saber. Quando isso acontece, apenas uma das freiras monta guarda de cada vez. Se tivermos a sorte de chegar nesse momento, podemos tomar posse do frasco no ato; se não, teremos que esperar a vinda do eremita, por mais que demore, pois não há outro meio de obter a água benta.

Avistaram a igreja além do Jordão e, para sua grande alegria, viram o eremita chegar bem naquela hora. Ouviram-no chamar as freiras e viram todas elas se sentarem debaixo de uma árvore em volta do visitante – todas, a não ser uma, que continuou de guarda, seguindo o costume.

O eremita tinha muito a dizer e o dia estava bem quente; por isso, aquela freira, cansada de ficar sozinha, deitou-se bem na frente da soleira da porta e caiu num sono profundo.

Luz do Sol disse à princesa o que fazer. Ela, então, passou por cima da freira adormecida com passos leves e se esgueirou como um gato pelo corredor escuro, tateando a parede com os dedos para não cair em cima de alguma coisa e arruinar tudo com um barulho. Chegou em segurança ao altar, onde encontrou o frasco de água benta. Guardou-o dentro da roupa e voltou com o mesmo cuidado com que tinha entrado. Com um salto, subiu na sela e, agarrando as rédeas, mandou Luz do Sol levá-la para casa o mais depressa que as patas dele conseguissem correr.

O som dos cascos em fuga despertou a freira. Ela entendeu na mesma hora que o precioso tesouro fora roubado, e seus gritos foram tão altos e estridentes que todas as outras correram para ver o que estava acontecendo. O eremita as seguiu de perto, mas, vendo que era impossível alcançar a ladra, caiu de joelhos e lançou sua maldição mais mortal sobre ela, pedindo que, se o ladrão fosse homem, se transformasse em mulher, e, se fosse mulher, se transformasse em homem. Em qualquer um dos casos, imaginou que o castigo seria

severo.

Contudo, em se tratando de castigo, nem sempre as pessoas concordam. Quando a princesa, de repente, sentiu que era realmente o homem que fingira ser, ficou tão feliz que, se ao menos o eremita estivesse ao seu alcance, agradeceria a ele de todo o coração.

Na hora em que chegou à corte do imperador, Fát-Frumos era um rapaz aos olhos de todas as pessoas; a essa altura, até a mãe do gênio deixaria a dúvida de lado. Ele tirou o frasco da túnica e o ofereceu para o imperador, dizendo:

— Poderoso soberano, saudações! Cumpri mais essa tarefa e espero que seja a última que tem para mim; agora é a vez de outro.

— Estou satisfeito, Fát-Frumos – respondeu o imperador. – Quando eu morrer, você ocupará meu trono, porque ainda não tenho filho para me suceder. No entanto, se meu maior desejo se realizar e eu tiver um herdeiro, você há de ser o braço direito dele e guiá-lo com seus conselhos.

No entanto, embora o imperador estivesse contente, Ileana não estava, e decidiu vingar-se dele pelos perigos que havia imposto a Fát-Frumos. Quanto ao frasco de água benta, ela achava que o pretendente deveria ter ido buscá-lo em pessoa, o que o imperador poderia ter feito sem correr nenhum risco.

Assim, mandou encher a grande banheira com o leite das éguas e pediu para o imperador trajar vestes brancas e lá entrar com ela, convite que ele aceitou com alegria. Quando os dois ficaram de pé com leite até o pescoço, ela mandou chamar o cavalo que havia lutado contra Luz do Sol e fez um sinal secreto para ele. O cavalo entendeu o que fazer e, por uma das narinas, soprou ar fresco sobre Ileana e, pela outra, um vento ardente que fez o imperador murchar e secar, restando dele apenas um pequeno amontoado de cinzas.

Essa morte estranha, que ninguém conseguiu explicar, causou

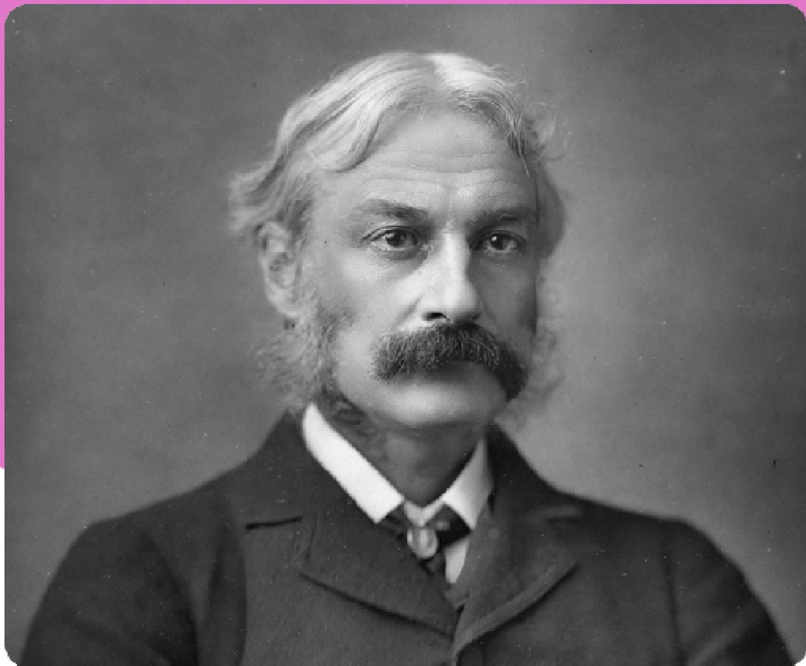
grande comoção em todo o país. O enterro que o povo deu a ele foi o mais esplêndido da história. Quando acabou, Ileana convocou Fát-Frumos à sua presença e assim dirigiu-se a ele:

— Fát-Frumos! Foi você quem me resgatou, salvou minha vida e obedeceu aos meus desejos. Foi você quem me devolveu minha manada, matou o gênio e a bruxa velha, mãe dele, e me trouxe a água benta. Você, e nenhum outro, será meu marido.

— Sim, eu me caso com você – respondeu o jovem, com uma voz quase tão suave como a de quando era princesa. – Mas saiba que, na nossa casa, quem vai cantar é o galo, não a galinha!

(De *Sept Contes Roumains*, de Jules Brun e Leo Bachelin.)

The End



Extra: Biografia de Andrew Lang

Andrew Lang foi um escritor e editor escocês. Tornou-se uma autoridade em literatura grega, francesa e inglesa, folclore, antropologia, história escocesa e em outros campos. Também foi pesquisador e publicou alguns livros de poesia e se tornou conhecido por traduções de Homero.

Foi autor e editor de uma das maiores coleções de contos de fadas e histórias do mundo. Lang também nutria um interesse por mitologia e religião, o que se expressa em algumas das histórias que ele coletou e reescreveu. É um dos maiores compiladores de contos de fadas europeu, não apenas selecionando histórias, mas também adaptando-as e traduzindo-as, muitas vezes ajustando os textos para que fossem mais apropriados para crianças.

Segundo Melanie Sylvia Aron, autora de *Hero in drag: Victorian gender-identity and the fairy tales of Andrew Lang*, "as histórias da coletânea Color Fairy Books reconhecem abertamente o trabalho de suas tradutoras e narradoras, permitindo a inclusão sutil de mensagens femininas de igualdade cultural e social que refletem a consciência emergente das mulheres durante esta época".

Sua esposa, Leonora Blanche Alleyne, contribuiu como colaboradora, autora e tradutora de diversos dos contos de fadas atribuídos a ele. Lang e sua esposa coletaram contos de diversas culturas e tradições, criando uma rica antologia que popularizou essas histórias para novas gerações. A popularidade duradoura de sua coletânea Fairy Books é testemunho de seu impacto cultural. As histórias presentes nos doze volumes da coleção continuam a ser reimpressas e lidas por novas gerações de leitores, servindo como uma ponte entre as tradições folclóricas de várias culturas e a literatura moderna.

A cuidadosa curadoria e edição de Lang e sua esposa ajudaram a preservar muitas dessas histórias em um formato que mantém sua relevância e magia. Alguns desses contos de fadas se tornaram referência na literatura no que diz respeito a narradoras femininas e heroínas que não se limitavam ao papel doméstico e ingênuo que era esperado na época. E algumas histórias vão além.

Segundo Paul B. Sturtevant, pesquisador e historiador do Smithsonian Institution e Editor Chefe do portal *The Public Medievalist*, "os contos de fadas são importantes. Mesmo que pareçam frívolos, eles refletem esperanças, sonhos e medos humanos. E mais, espelham as emoções humanas: como vocês podem ver, a identidade trans sempre fez parte da vida, mesmo nessas histórias antigas. E melhor ainda, esses contos de fadas ensinam essa verdade às crianças e oferecem aos leitores trans, gênero queer e não binários heróis e heroínas à sua própria imagem."

Publicado e editado por Andrew Lang em 1901, *A princesa que queria ser príncipe* é um conto de fadas à frente de seu tempo, que chega com exclusividade à Sociedade das Relíquias Literárias.

Deixe sua avaliação no Skoob ♥

Busque por
A Princesa que queria
ser príncipe

Participe do Grupo

O grupo no Telegram é cheio de
novidades e artes dos contos!
Papeie sobre este conto no:

t.me/sociedadewish

Profissionais que trabalharam neste conto



Camila Fernandes

TRADUÇÃO

Escritora e tradutora, atende editoras como Arqueiro e DarkSide. Para a Wish, traduziu *Beleza Negra* e *A lenda do Cavaleiro sem Cabeça*, entre outros.

@camilafernandes.autora



Verena Cavalcante

PREPARAÇÃO

Autora, tradutora e revisora de textos. Graduada em Letras pela PUCC, trabalha no mercado editorial há mais de uma década. **@verena__cavalcante**



Lorena Camilo

REVISÃO

Editora, revisora, redatora e criadora de conteúdo. Mestra em Estudos Literários e bacharel em Letras com formação complementar em Jornalismo pela UFMG. **@lorenacscamilo**



Brenda Bossato

ILUSTRAÇÃO

Ilustradora de bruxinhas que ama o contraste da fantasia com o mundo das sombras. **@brendabossato**



Marina Avila

PROJETO GRÁFICO

Produtora editorial e fundadora da Wish. Mãe de gatos e de livros. **@marinalivros**



Juliana Daglio

GESTÃO EDITORIAL

Escritora agenciada pela Increasy e publicada pela Record. Gestora editorial na Wish e psicóloga clínica.

@judaglio2



Laura Brand

MEDIAÇÃO E PARATEXTOS

Editora, coordenadora editorial, jornalista e criadora de conteúdo. Formada pela PUC-MG e Columbia Journalism School. @nostalgiacinza

Muito obrigada por apoiar este financiamento coletivo!

Neste mês foi possível viabilizar a curadoria, tradução, revisão e ilustração do conto *The girl who pretended to be a boy*! A cada mês de assinatura, a Wish continuará resgatando os tesouros do passado em novas edições para os caçadores das Relíquias Literárias.

Vamos resgatar estes contos raros juntos?

Relíquia 052/Jul 2024

PRÓXIMO MÊS

Richard Dunrayne, após uma expedição ártica fracassada, retorna à Inglaterra determinado a nunca mais enfrentar os perigos do Ártico. Porém, a atração pela exploração polar o leva a embarcar em novas aventuras, mesmo após grandes perdas pessoais e emocionais. História contada de forma primorosa, com ricas descrições sobre as viagens polares.

---

1 Integrante da antiga nobreza feudal nos países da Europa Oriental. [N. T.]

2 Fát-Frumos é um lendário herói cavaleiro do folclore e mitologia romena. Geralmente, ele é retratado como um jovem corajoso, inteligente e habilidoso, que enfrenta desafios e perigos para salvar princesas, derrotar monstros e realizar feitos heroicos. Seu nome romeno, Făt-Frumos, significa “Belo Garoto”. [N. R.]